

Teologia das Religiões 2

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Denise Pereira
(Organizadora)

Teologia das Religiões 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	Teologia das religiões 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Teologia das Religiões; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-386-6 DOI 10.22533/at.ed.866190706 1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Pereira, Denise. II.Série CDD 200.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A teologia das religiões vem ganhando destaque na contemporaneidade. Deste modo a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem dá os primeiros passos acadêmicos nos estudos teológicos, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate teológico das e sobre as religiões, quais seriam os caminhos mais adequados para nos situarmos. Os diversos autores investigam as questões mais prementes e que nos tocam mais de perto, tendo em vista a diversidade de contextos eclesiais e acadêmicos em que cada pessoa ou grupo está envolvido.

E se propõem a mostrar o que pesquisadores da religião, de diferentes áreas: teologia, sociologia, história e antropologia, ao analisarem o que diferentes confissões e partes do mundo, estão dizendo a respeito do tema.

Desde o século XIX, a teologia das religiões tem desafiado a cientistas da religião, a observarem os encontros e o desencontros do cristianismo com as demais religiões.

A perspectiva pluralista das religiões interpela fortemente o mundo atual e, particularmente, o contexto teológico latino-americano, especialmente pela sua vocação libertadora e pelos desafios que advém de sua composição cultural fortemente marcada por diferenças religiosas que se interpenetram nas mais diferentes formas. A Teologia Latino-Americana da Libertação, dentre os seus muitos desafios, tem elaborado uma consistente reflexão sobre os desafios do pluralismo religioso.

Sendo assim, “Teologia das Religiões” é uma abordagem impactante, por vezes, controverso e até mesmo conflitivo, os autores consideram que apresentar um leque de diferentes autores e perspectivas seria uma contribuição significativa e relevante.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESPEDIDA DA METAFÍSICA E O CRESCIMENTO DOS SEM RELIGIÃO	
Omar Lucas Perrout Fortes de Sales Clóvis Ecco	
DOI 10.22533/at.ed.8661907061	
CAPÍTULO 2	8
CATOLICISMO E OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES : O EMBATE ENTRE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A HERMENÊUTICA DA CONTINUIDADE NO CATOLICISMO ROMANO E BRASILEIRO	
Alfredo Moreira da Silva Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.8661907062	
CAPÍTULO 3	21
A BÍBLIA HEBRAICA NA TRADIÇÃO RABÍNICA: UMA ABORDAGEM ACERCA DA LITERATURA JUDAICA	
Daniela Susana Segre Guertzenstein	
DOI 10.22533/at.ed.8661907063	
CAPÍTULO 4	35
A COMUNICAÇÃO E AS DIFERENÇAS CULTURAIS PERCEBIDAS: LENTES PARA COMPREENDER OS ENCONTROS ENTRE JESUS, A MULHER SAMARITANA E OS BRASILEIROS	
Marcelo Eduardo da Costa Dias	
DOI 10.22533/at.ed.8661907064	
CAPÍTULO 5	46
A IMANÊNCIA E A TRANSCENDÊNCIA NA OBRA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA	
Marcos Benaia Oliveira Ferreira Maria Aparecida Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8661907065	
CAPÍTULO 6	52
A LEI DE PAULO E O “VÍCIO FORMAL”: A UNIVERSALIZAÇÃO PAULINA E A IMPESSOALIDADE DA CRENÇA COMO BASES PARA A RACIONALIDADE OCIDENTAL	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.8661907066	
CAPÍTULO 7	60
A PERSPECTIVA RELIGIOSA DE ADOLESCENTES INFRATORES DA GRANDE BELÉM	
Weslley Cardoso de Sousa Jessica Rocha de Souza Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.8661907067	
CAPÍTULO 8	73
A REFORMA PROTESTANTE ONTEM E HOJE	
Mayumi Busi	
DOI 10.22533/at.ed.8661907068	

CAPÍTULO 9	82
A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS POR LÍDERES RELIGIOSOS E A PERCEPÇÃO DE SEUS SEGUIDORES VIRTUAIS	
Peter Michael Alves Rodrigues Ramos Edvaldo Leal Filho	
DOI 10.22533/at.ed.8661907069	
CAPÍTULO 10	94
A VISIBILIDADE MIDIÁTICA E A PÓS MODERNIDADE AS RELIGIÕES E AS REDES SOCIAIS	
Maria Neusa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.86619070610	
CAPÍTULO 11	105
ANA PAULA VALADÃO: POLÊMICAS MIDIÁTICAS NA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E GÊNERO	
Miriã Joyce de Souza Sales Capra	
DOI 10.22533/at.ed.86619070611	
CAPÍTULO 12	116
CATOLICISMO POPULAR: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MUNICÍPIO DE MONTE DO CARMO-TOCANTINS	
Valdir Aquino Zitzke	
DOI 10.22533/at.ed.86619070612	
CAPÍTULO 13	128
FESTA DE SANT'ANA: UMA CULTURA COMO CRENÇA NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.86619070613	
CAPÍTULO 14	138
CELEBRAR PARA VENCER: RELIGIOSIDADE NO FUTEBOL	
Osvaldo Fiorato Junior	
DOI 10.22533/at.ed.86619070614	
CAPÍTULO 15	152
CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTONOMIA CORPORAL DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO PRISMA JURÍDICO-RELIGIOSO DA REPÚBLICA MUÇULMANA DO IRÃO*	
Paulo Adroir Magalhães Martins	
DOI 10.22533/at.ed.86619070615	
CAPÍTULO 16	160
CONTRA A “MÁ IMPRENSA” A “BOA IMPRENSA”: PERIÓDICOS A SERVIÇO DA IGREJA CATÓLICA	
Andressa Paula	
DOI 10.22533/at.ed.86619070616	
CAPÍTULO 17	171
DE MORNENSE A SÃO PAULO: A EDUCAÇÃO CATÓLICA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA E A CRIAÇÃO DO COLÉGIO DE SANTA INÊS (1908-1934)	
Julia Rany Campos Uzun	
DOI 10.22533/at.ed.86619070617	

CAPÍTULO 18	182
DO QUE RIEM OS PENTECOSTAIS?: REFLEXÕES SOBRE OS NOVOS HUMORISTAS GOSPELS NA GRANDE REDE	
Wesley Silva Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.86619070618	
CAPÍTULO 19	193
IDENTIDADE ESPÍRITA NO BRASIL E EM PORTUGAL: UMA COMPARAÇÃO INSTITUCIONAL	
Jose Pedro Simões Neto	
DOI 10.22533/at.ed.86619070619	
CAPÍTULO 20	212
JUSTIÇA TOMISTA NO SÉCULO XXI?	
Moacir Ferreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.86619070620	
CAPÍTULO 21	218
LO RELIGIOSO COMO ORDEN SOCIAL Y COMO EXPERIENCIA SUBJETIVA. CONSIDERACIONES ONTOGENÉTICAS	
Manuel Martínez Herrera	
DOI 10.22533/at.ed.86619070621	
CAPÍTULO 22	232
O TARÔ E A PRÁTICA ORACULAR NA ERA DA MEDIATEZADAÇÃO ESPIRITUAL	
Kelma Amabile Mazziero de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86619070622	
CAPÍTULO 23	244
OS ITINERÁRIOS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA NO TOCANTINS: 1904 A 1988	
César Evangelista Fernandes Bressanin	
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.86619070623	
CAPÍTULO 24	254
ROLO DE GRAVURA (<i>PICTURE ROLL</i>) E A ESTRATÉGIA ADVENTISTA DE EVANGELIZAÇÃO INFANTIL E GLOBAL ENTRE 1915 E 1999	
Elder Hosokawa	
Cleyton Ribeiro de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86619070624	
CAPÍTULO 25	268
SANTOS, ÍNDIOS E MALANDROS NO CULTO DE MARIA LIONZA	
Daniela Calvo	
DOI 10.22533/at.ed.86619070625	
CAPÍTULO 26	281
UM CANDEEIRO DE SOFIA: O CASO DA IGREJA RASTAFÁRI E SEU LÍDER, RAS GERALDINHO	
Osvaldo Fiorato Junior	
DOI 10.22533/at.ed.86619070626	

CAPÍTULO 27 290

“POBRES ENTRE OS POBRES, MARGINALIZADOS ENTRE OS MARGINALIZADOS, OS ELEITOS DE DEUS”: MESSIANISMO E POBREZA ENTRE OS ISRAELITAS DA NOVA ALIANÇA NA AMÉRICA LATINA

[Lucía Eufemia Meneses Lucumí](#)

DOI 10.22533/at.ed.86619070627

SPBRE OS ORGANIZADORES 314

A BÍBLIA HEBRAICA NA TRADIÇÃO RABÍNICA: UMA ABORDAGEM ACERCA DA LITERATURA JUDAICA

Daniela Susana Segre Guertzenstein

(PNPD CAPES / PPGS DS FFLCH USP)

RESUMO: O Judaísmo fundamenta-se na Tradição Escrita (Bíblia Hebraica) e na Tradição Oral (Literatura Rabínica). Este artigo tem como objetivo apresentar a evolução da exegese bíblica hebraica de acordo com a literatura rabínica e revelar os quatro níveis do modelo rabínico de interpretação exegetica, o qual fundamenta-se na abordagem ritual dos textos canonizados compilados pelas escolas massoretas judaicas. A pesquisa é importante porque expõe conhecimentos restritos de ambientes judaicos rabínicos e deseja despertar reflexões que analisem a influência dos processos de validação de textos religiosos e de seus modelos de interpretações, uma vez que esses recursos servem para justificar e legitimar simbolicamente a imposição de discursos de autoridades literárias e lideranças comunitárias como entrelinhas do texto bíblico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Hebraico; Bíblia; Religião; Judaísmo.

THE HEBREW BIBLE IN THE RABBINICAL TRADITION: AN APPROACH TO JEWISH

LITERATURE

ABSTRACT: Judaism is constituted by the Written Tradition (Hebrew Scriptures) and by the Oral Tradition (Rabbinical Literature). This article exposes the development of the Hebrew biblical exegetic studies in the rabbinical literature and the four levels of the rabbinical interpretation exegetic model, based on the ritual perception of the Masoretic scriptures compiled and canonized by Jewish academies. This research is important because exposes Jewish rabbinical studies restricted to their environments and aims to encourage the development of researches that analyses the influence of the religious texts validation and interpretations models processes as resources to impose authorities and leader speeches as bible underlines.

KEYWORDS: Literature; Hebrew; Bible; Religion; Judaism.

BÍBLIA

A Bíblia é o conjunto de volumes formado pelo “Antigo Testamento” e pelo “Novo Testamento”. Os textos do Pentateuco, dos Livros dos Profetas e das Escrituras canonizados na Bíblia Hebraica são encontrados no Primeiro Testamento, conhecido também como Antigo Testamento. O Antigo Testamento incorpora o Livro dos Macabeus, entre outros textos, que

não fazem parte da Bíblia Hebraica.¹

O Segundo Testamento, conhecido como Novo Testamento, contém textos dos evangelhos. O Novo Testamento é conhecido em hebraico como *HaBrit HaHadashá*, que significa, em português, “A Nova Aliança”. As edições da Bíblia com o Novo Testamento simbolizam a ruptura entre o cristianismo e os princípios das lideranças farisaicas continuados no judaísmo rabínico.

A Bíblia Hebraica é a Tradição Escrita do Povo de Israel (*Torá ShebeKtav*, em português, Ensino Escrito). A Tradição Oral do Povo de Israel (*Torá SheBealPê*, em português, Ensino Oral) é identificada no judaísmo rabínico como as normas legislativas transmitidas por Moisés (nesse contexto conhecido como *Moshe Rabênu*, em português, Moisés nosso Rabino) ao seu sucessor Josué e de geração em geração.²

Os sacerdotes judeus discípulos de *Sadoc*³ se opunham a Tradição Oral e a imposição de suas interpretações nos serviços sacerdotais. O sistema judicial composto por *Batei HaDin* (Tribunais Rabínicos) tem como instância superior o *San’hedrin* (Sinédrio; Corte Rabínica; Supremo Tribunal). A popularidade de Shemaya e Avtalyon, convertidos ou filhos de convertidos ao judaísmo, que foram líderes de Tribunal Rabínico é maior do que a fama de sacerdotes judeus da mesma época.^{4 5}

A Tradição Oral do Povo de Israel traz as leis que determinam os costumes judaicos, estabelece os critérios pelos quais são identificadas as autoridades rabínicas em cada geração e que legitima a transmissão das fontes literárias bíblicas hebraicas e de sua exegese rabínica. A doutrina judaica, portanto, o judaísmo rabínico propriamente dito, é a sobreposição da Tradição Oral sobre a Tradição Escrita da coletividade conhecida como Povo de Israel (Berger, 1998), e, que posteriormente passou a representar todos

1 Bíblia Hebraica: É a antologia representada em hebraico pelo acróstico TaNaKh (Torá = Ensino / são os cinco livros do Pentateuco; Nevyim = Profetas; Ketuvim = Escrituras) dos textos canonizados dos escribas rabínicos. A Bíblia Hebraica impressa pela primeira vez em Veneza no século XVI recebeu o título em hebraico de Mikraot Guedolot (Mikraot = Antologia no sentido de Leituras, propriamente as Escrituras Bíblicas e Guedolot = Grandes). Atenção: a transliteração no inglês é Mikraot Gedolot. Nas edições posteriores foram acrescentadas traduções para o aramaico e comentários de exegetas rabínicos. Já o Antigo Testamento é de um modo geral a antologia das escrituras que precedem o Novo Testamento incluindo narrativas judaicas posteriores aos textos canonizados no TaNaKh.

2 Tratado Avot (1:1) do Talmude Babilônico: “Moisés recebeu a Torá no Sinai e a transmitiu a Josué; Josué aos Anciãos; os Anciãos aos profetas; e os Profetas transmitiram-na aos Homens da Grande Assembléia. Estes [os Homens da Grande Assembléia] disseram três ditos: Sejam prudentes no julgamento; formem muitos discípulos; e ergam uma cerca para a Torá.” * Atenção: essa é a Torá (Tradição; Ensino; Instrução) Oral. A transmissão da Torá Escrita (iniciada com as escrituras de Moisés), segundo um texto no próprio Pentateuco, Moisés entregou um manuscrito para cada líder de tribo e uma cópia foi colocada na Arca da Aliança junto com as Tábuas da Lei (vide em Deuteronômio 31- Versão rabínica).

3 Sadoc: Os discípulos de Sadoc são conhecidos como saduceus.

4 A introdução do Compêndio Mishne Torá de Maimônides (1135-1204) cita os Tribunais Rabínicos liderados por convertidos ao judaísmo. Os Tratados San’hedrin, Yomá, Pessahim, Guittin e outros do Talmude Babilônico citam o Tribunal Rabínico presidido por Avtalyon convertido ou filho de convertidos ao judaísmo (descendente de Senna’herib) e colega de Shemaya no século I da era comum.

5 Ao ver Shemaya e Avtalyon a multidão que homenageava o sumo sacerdote judeu, na saída do serviço do Dia do Perdão no Templo de Jerusalém, abandonou o seu sacerdote para homenagear esses líderes (Tratado Yomá p. 71b - Talmude Babilônico).

aqueles identificados como judeus.⁶

As afirmações: “está escrito na Bíblia» e «está escrito no Antigo Testamento» confundem. A Bíblia Hebraica e o Antigo Testamento têm origens em comum e desenvolvimentos literários diferentes. Na realização de estudos bíblicos pluralistas e pesquisas interdisciplinares é importante apresentar a localização bíblica e referência da edição publicada de cada texto citado. Isto porque os versículos podem ter sido divididos de maneira diferente nas mais diversas versões.

O que conhecemos como Bíblia é a união da literatura bíblica hebraica (redigida em hebraico bíblico e aramaico babilônico), traduzida ao grego⁷ (no século II antes da era comum) e traduzida ao aramaico⁸ (no início da era comum) como “Primeiro Testamento”, sendo essa uma literatura que antecede a literatura bíblica do “Segundo Testamento”. O termo “antigo”, que se subjugava ao “novo”, para os testamentos surgiu na criação de uma obra única com ênfase no Novo Testamento. A classificação “Primeiro Testamento” e “Segundo Testamento” têm como objetivo ressaltar a sequência temporal, contribuindo, assim, para o estudo da formação e desenvolvimento dos textos bíblicos e de suas exegeses no decorrer da história.

Os textos da Bíblia Hebraica, segundo a tradição judaica foram redigidos em hebraico e aramaico bíblico. Segundo a mesma tradição o judaísmo segue o cânone dos textos compilados pelo escriba Esdras (em hebraico *Ezra HaSofer*), no século V antes da era comum, em letras assírias quadráticas.⁹

As escrituras hebraicas traduzidas ao grego¹⁰ e os textos do Novo Testamento, possivelmente também redigidos em aramaico¹¹, foram editados e canonizados em grego. Narrativas semelhantes as dos textos da Bíblia Hebraica são encontradas também em outras tradições religiosas orientais. A Bíblia foi traduzida para o siríaco, copta, armênio, gótico. Edições essas todas invalidadas como obras apóstatas ou pagãs na sequência da tradição farisaica ao judaísmo rabínico.¹²

A Igreja Católica Apostólica Romana utilizou as traduções para o grego como referência mais antiga (Silva, 2009). A múltipla atestação dos textos bíblicos por cristãos

6 Nas escrituras hebraicas do Livro de Esther: Mardoqueu é denominado Mordekhai Halehudi (Mardoqueu o Judeu). O termo judeu passou a identificar todas as pessoas oriundas ou associadas ao Reino de Judá após a destruição do Primeiro Templo de Jerusalém e desaparecimento de dez das doze tribos israelitas.
7 Septuaginta - século II antes da era comum e versões posteriores.

8 Targum Onkelos (Akilas), Targum Yonathan (Jonathan).

9 Ketav Assuri: Escrita assíria quadrática (escrita assurita). Tratado de San’hedrin do Talmude Babilônico.

10 A adoção da Septuaginta (tradução bíblica hebraica ao grego) desacreditou a transmissão tradicional posterior das fontes literárias bíblicas hebraicas utilizadas na tradução ao grego. Portanto, para os cristãos a Septuaginta prevalece sobre suas próprias fontes e seus desdobramentos rabínicos hebraístas massoretas.

11 Em aula ministrada pelo professor Reginaldo Gomes de Araujo no ano de 2002 (professor docente do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) foi explicado que “...apóstolos cristãos redigiram textos em aramaico”.

12 A tradução das escrituras hebraicas ao grego por judeus na Alexandria foi realizada por imposição externa (Tratado Meguilá p. 9). As traduções ao grego são comparadas à idolatria e associadas à destruição do Templo de Jerusalém.

tem como ponto de partida as traduções ao grego. Essa perspectiva considera que a tradição dos textos anteriores foi perdida.

O texto massoreta dos judeus é considerado por autoridades cristãs como um cânone que tem origem entre o século VI ao século X da era comum.¹³ Nessa perspectiva Jerônimo (345-419) antecede a canonização massoreta dos textos bíblicos hebraicos (Silva, 2009).¹⁴ Contudo, a análise de textos anteriores a Jerônimo, por exemplo, das relíquias do Mar Morto, em que são reconhecidas as letras semelhantes à grafia dos massoretas, perpassa o objetivo desse artigo.

Conhecer a exegese rabínica é fundamental, como introdução para o estudo da mística que envolve a literatura bíblica hebraica desde seus primórdios, na perspectiva da literatura rabínica. A literatura bíblica hebraica é a literatura iniciada com as Tábuas da Aliança (Dez Mandamentos) e com o Pentateuco, como um código mítico, uma linguagem fundamentada no sobrenatural (na fé da autoria Divina) e um meio de comunicação peculiar (a mística que envolve o hebraico como um idioma mítico, como a linguagem mágica que fundamenta o criacionismo na exegese rabínica), transmitida de Adão aos seus descendentes e que foi publicamente revelada e entregue à humanidade através de Moisés.

A exegese rabínica explora a simbologia e significados das letras, palavras, narrativas, textos e contextos imersos entre espaços e linhas dos manuscritos hebraicos em pergaminhos na maneira em que se encontram editados em concordância com as regras precisas dos escribas massoretas hebraístas que, portanto, escapam das mais diversas traduções.¹⁵

No Livro *Sêfer ha-Yetzirah*, em português “Livro da Formação”, composto por seis poemas de autoria, segundo a tradição rabínica, atribuída ao primeiro humano foi transmitido até o patriarca Abrão e desse para a sua descendência israelita e posteriormente judaica. No final do primeiro poema consta: “E Ele criou Seu universo com três livros: com texto, com número e com comunicação” (Kaplan, sem data).¹⁶

A segunda palavra da Bíblia Hebraica é *Bará*, que significa em português “criou”. Os judeus ortodoxos eruditos tementes às crenças de suas tradições não vocalizam a frase *Abra KeDabrá*, porque essa significa “Criarei como Digo/Objeto” e serve para bruxaria. A letra hebraica (ב) é pronunciada com o som da letra “B” e também como “BH=V”. O conceito *Daber Davar* significa em português “Dizer Objeto”. No

13 De acordo com a tradição rabínica os manuscritos hebraicos bíblicos foram canonizados pelos escribas mencionados nas próprias escrituras hebraicas. Narrativas das escrituras hebraicas ilustram as discussões que constituem os textos da Mishná e da Guemará que, conjuntamente, fazem parte do Talmude, editado simultaneamente e em contraposição ao Evangelho e as traduções das escrituras bíblicas ao grego.

14 PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA (org.). A interpretação da Bíblia na Igreja. SP: Editora Paulinas. 1994.

15 As palavras hebraicas são analisadas pelas letras (simbologia dessas), pela raiz ligística e conjugação (composição) e associações numéricas (guematria). As letras hebraicas são símbolos com vários significados e representam números de uma escala que o (-0-) não existe (KAPLAN, 1982).

16 O idioma sagrado, o hebraico criacionista, é entendido como a linguagem na qual o criador se expressa na sua criação.

criacionismo rabínico o universo é a materialização da fala divina e Adão, o primeiro humano, denominou as criaturas segundo a emanação literária divina revelada em cada uma delas.

Bíblia Hebraica

A Bíblia Hebraica é conhecida em hebraico como *Tanakh*: O termo Ta-Na-Kh é o acróstico das iniciais das palavras *Torá*, *Nevyim* e *Ketuvim*. A palavra *Torá* se refere à Lei de Moisés, conhecida em grego como Pentateuco. As palavras hebraicas *Nevyim* e *Ketuvim* significam, respectivamente, em português, “Profetas” e “Escrituras”. O *Tanakh* é a “Tradição Escrita do Povo de Israel”.

No Deuteronômio (17:8)¹⁷, portanto no quinto livro do Pentateuco, está escrito: “...para não se desviar à direita ou à esquerda de tudo que eles vão te dizer”. A terminologia “o que eles vão te dizer” concede uma autoridade suprema, apoiada no próprio texto da Tradição Escrita do Povo de Israel, aos líderes que de geração em geração transmitem e interpretam o texto bíblico hebraico orientando seus fiéis.

A “Tradição Oral do Povo de Israel” acompanha a “Tradição Escrita do Povo de Israel” na literatura rabínica. Moisés é o primeiro líder israelita denominado rabino. *Moshe Rabênu*, “Moisés Mestre-Nosso”. A liderança rabínica não é transmitida de pai para filho.¹⁸ O título de líder é passado de um mestre para o discípulo que faça jus, concedendo-lhe a autoridade de lecionar e julgar de acordo com as tradições orais que compõem as leis judaicas.

A Tradição Escrita são os manuscritos de Moisés, Josué, Profetas e Escrituras que acompanham a Tradição Oral, essa composta por leis e costumes transmitidos oralmente pelos líderes israelitas. A Tradição Oral representa a doutrina, a hermenêutica do pensamento que determina a legitimidade das lideranças e dos ensinamentos de geração em geração que resultam na redação e edição dos textos da literatura rabínica que fundamenta o judaísmo ortodoxo.

O Midrash Rabá (12:12), que é um compêndio exegético rabínico que terminou de ser compilado e editado no século IV e V da era comum, explica que a Bíblia

17 Bíblia Hebraica (Versão Rabínica).

18 Vide nota 2: [Tratado Avot (1:1) do Talmude Babilônico: “Moisés recebeu a Torá no Sinai e a transmitiu a Josué; Josué aos Anciãos; os Anciãos aos profetas; e os Profetas transmitiram-na aos Homens da Grande Assembléia. Estes [os Homens da Grande Assembléia] disseram três ditos: Sejam prudentes no julgamento; formem muitos discípulos; e ergam uma cerca para a Torá.” * Atenção: essa é a Torá (Tradição; Ensino; Instrução) Oral. A transmissão da Torá Escrita (iniciada com as escrituras de Moisés), segundo um texto no próprio Pentateuco, Moisés entregou um manuscrito para cada líder de tribo e uma cópia foi colocada na Arca da Aliança junto com as Tábuas da Lei (vide em Deuteronômio 31- Versão rabínica).

19 Na impressão dos textos bíblicos hebraicos as divisões, por exemplo: do Livro de Samuel em duas unidades, Samuel I e Samuel II; do Livro dos Reis nas unidades Reis I e Reis II; a contagem de capítulos e numeração de versículos (inicialmente nas laterais das linhas) do século XIII na França foi inserida na exegese rabínica nos textos bíblicos hebraicos impressos. O exegeta Rabino Shelomo Its’haki, Rashi, do século XI-XII, não utiliza essas referências.]

Hebraica é composta por 24 tomos ou volumes.¹⁹

A tradução do Pentateuco para o grego, conhecida como Septuaginta, feita por Setenta Anciões no século II antes da era comum, não é aceita na literatura rabínica. Um dos motivos é que as traduções transformam os conteúdos originais, dando-lhes novos sentidos e, também, por questões técnicas, por exemplo, a tradução dos nomes.

O tetragrama do nome de Deus em hebraico pode ser transliterado para outros idiomas, traduzido e adaptado, como posteriormente ao português, na palavra Deus; que tem como origem a divindade grega Zeus. Os nomes hebraicos têm significados, alguns apresentados no próprio texto bíblico: O nome *Agar* da concubina de Abrão origina-se na palavra *gar* (habitar); *Sará* origina-se na palavra *sar* (ministro); *Reuven* (Rubens) origina-se em *raá* (viu); *Shimon* (Simão) origina-se em *shamaá* (escutou) e assim por diante.

As escrituras hebraicas bíblicas nos pergaminhos massoretas não se dividem propriamente em livros e muito menos em capítulos e versículos. Elas são um conjunto de textos manuscritos sobre pergaminhos em hebraico bíblico e finalizados e em aramaico, compostos por seqüências abertas (o parágrafo começa no início da linha a mais de nove espaços de letras depois do parágrafo anterior) ou fechadas (o parágrafo geralmente começa no meio da linha). Contudo, já a edição da primeira versão da Bíblia Hebraica impressa *Mikraot Guedolot* incorporou as divisões dos textos e dos capítulos do teólogo Stephen Langhton, professor da Universidade de Paris e bispo de Canterbury na Inglaterra no século XIII da era comum (entre 1234 e 1242).

A edição da primeira versão de *Mikraot Guedolot* ocorreu em 1524-1525 em Veneza. Nesta edição a Bíblia Hebraica foi organizada por Yaacov Ben Hayim segundo os comentários exegéticos rabínicos e foi impressa pelo não judeu Daniel Bomberg a pedido do Vaticano. A versão de *Mikraot Guedolot* impressa em Veneza foi utilizada como *textus receptus* para a elaboração da versão da Bíblia do Rei James (KJV ou KJB²⁰) publicada em 1611 e também por exegetas rabínicos posteriores.

Somente no século XX foram publicadas as primeiras edições bilíngues brasileiras do Pentateuco em que o texto bíblico em letras hebraicas é acompanhado pela tradução ao português, assim como, também, de outras partes da Bíblia Hebraica. A Trejger Editores foi a primeira a apresentar uma publicação trilingue com texto em hebraico, acompanhado pela tradução ao aramaico de *Onkelus* (Aquilas) e pelos comentários do exegeta *Rashi* (acróstico de Rabino Shelomo Its'haki) em hebraico medieval traduzidos palavra por palavra ao português. Editoras como a Editora Sêfer²¹,

20 King James Version Bible (KJV ou KJB) - <http://www.thekingsbible.com/>

21 <https://sefer.com.br/>

22 <https://www.maayanot.com.br/>

23 Edson de Faria Francisco é linguísta e professor do Departamento de Bíblia da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) responsável pelas disciplinas hebraico bíblico e grego.

Editora Maayanot²² ocupam-se em lançar constantemente novos volumes bilingues e trilingues em hebraico, aramaico e português da Bíblia Hebraica. E, cada vez mais se encontram também publicações cristãs como a primeira edição interlinear, bilingue hebraico-português do Antigo Testamento de Edson de Faria Francisco²³ publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, além das publicações judaicas, como, por exemplo, o livro Salmos com o texto em hebraico, transliteração e tradução ao português da Editora Sêfer.

Os primeiros volumes do Pentateuco da tradução da Torá com os comentários do exegeta Rashi para o português, realizada pela Editora Maayanot, segue o modelo de traduções do texto bíblico hebraico para o inglês, perdendo a forma original do hebraico bíblico, que o verbo antecede o sujeito na maioria dos casos.²⁴ Essa observação é importante porque demonstra que a precisão das traduções não é fundamental. A identidade de uma tradução bíblica e de outros bens simbólicos é ditada pelo poder de divulgação, dominação e legitimação das autoridades e lideranças institucionais que a produziram.

A difusão dos conteúdos impressos dos manuscritos hebraicos permite novos paradigmas nos estudos bíblicos, que possibilitam a pluralidade de abordagens e estimulam novas abordagens intertextuais e interculturais.²⁵

A difusão dos conteúdos bíblicos no formato impresso e suas inúmeras traduções renderam uma amplitude geográfica maior a esta obra literária, associando-a a outras crenças, costumes e culturas. A exegese rabínica resgata explicações e análises sobre o conteúdo dos manuscritos bíblicos hebraicos em pergaminho. Deve-se lembrar então que a numeração dos capítulos e versículos e a paginação das versões bíblicas impressas são usadas na exegese rabínica somente como referência para localização do objeto em estudo.

Tanakh (Pentateuco, Profetas e Escrituras)

A Torá, ou, em grego, o Pentateuco é a Lei de Moisés. A palavra hebraica Torá significa também "Instrução" e "Ensino". A Lei de Moisés é o conjunto formado

24 Exemplo: O início do primeiro versículo da Bíblia Hebraica Bereshit Bará Elohim.. (Gênesis 1:1) no livro Sêfer Bereshit está traduzido como “No começo Dús criou...” e no livro Torá - Rashi: Sefer Bereshit está traduzido “No princípio Dús criou...” (EDITORA MAAYANOT, 2015). O verbo nesse versículo e em outros antecede o sujeito: Bereshit = no princípio; resh e rosh = cabeça, e; reshit = primeiramente / Bará = criou / Elohim = nome divino no plural.

25 Martin Luther (Martinho Lutero - século XVI), quebrando dogmas da igreja católica apostólica romana, utilizou os textos hebraicos bíblicos para a sua tradução da Bíblia em alemão dando início a reforma protestante. Luther revoltado pelos judeus não se converterem ao protestantismo redigiu em janeiro de 1543 o primeiro manifesto alemão anti-semita contra judeus Von den Juden und ihren Lügen (em português “Sobre os Judeus e Suas Mentiras”), incitando: “Coloquem fogo nas sinagogas deles e escolas...”

* Download gratuito disponível em alemão em <https://archive.org/details/VonDenJudenUndIhrenLuegen>. Esse acontecimento mostra que os estudos hebraicos não são judaizantes na medida em que o judaísmo se opõe a fé cristã que tem Jesus como redentor.

por cinco livros: 1) Gênesis; 2) Êxodo; 3) Números; 4) Levítico; 5) Deuteronômio. Em hebraico: 1) Bereshit; 2) Shemot; 3) Vaicrá; 4) Bamidbar; 5) Devarim. Cada livro é dividido em porções semanais. O nome da porção é a primeira palavra do início do trecho determinado. Existe o costume das porções serem estudadas e lidas sequencialmente para se completar a leitura da Lei de Moisés em um determinado período de tempo, de acordo com vários costumes judaicos uma vez a cada ano. A leitura da Torá ocorre durante a manhã de segunda, quinta e nos dias de sábado e festividades diretamente do rolo de pergaminho das escrituras manuscritas em hebraico bíblico quando se congregam dez homens judeus acima de 13 anos. De segunda e quinta feira de manhã é realizada uma leitura curta (parcial) e na cerimônia de sábado de manhã é realizada a leitura longa (completa) da Parashat HaShavua (Porção Semanal).

É costume que após a leitura ritual nos pergaminhos da Torá se leia de um livro impresso a Haftará. A Haftará é uma porção dos textos dos profetas com um tema que lembre a porção semanal. Este costume foi introduzido quando os judeus foram proibidos antes da era comum pelo governo persa de realizar o ritual de leitura da porção semanal e mantido posteriormente após a leitura ritual. Outras opiniões defendem que o costume de ler a Parashá seguida pela Haftará teve início na própria canonização das escrituras hebraicas dos manuscritos do escriba Ezra (em traduções católicas para o português Esdras) citado juntamente com Nehemias nas próprias escrituras hebraicas que remetem o século V antes da era comum.

A Bíblia Hebraica abrange os livros dos Profetas e Escrituras e não contem os textos deutero-canônicos (apócrifos). Existe também uma pequena variação na ordem dos últimos volumes das escrituras da edição da Bíblia Hebraica e do Antigo Testamento.

Texto Massoreta

A literatura rabínica remete à compilação, organização, edição e canonização dos textos bíblicos hebraicos, ao escriba Ezra e à Grande Assembléia no século V antes da era comum. A mostra de pergaminhos do Mar Morto do século II antes da era comum, encontrados na década de 50 do século XX e, que estão expostos no Museu Santuário do Livro, em Jerusalém, testemunha a existência de manuscritos bíblicos hebraicos do século II da era comum redigidos com letras semelhantes às letras hebraicas recentes. Segundo a literatura rabínica, os textos bíblicos hebraicos foram transmitidos nos centros de estudos bíblicos rabínicos até o surgimento dos centros de estudos massoretas do século VI da era comum. Os massoretas tinham o objetivo de sinalizar a pronúncia dos escritos hebraicos. Messorá significa "tradição". Existem três principais escolas de massoretas.

Os massoretas orientais se encontravam na Babilônia, nas regiões de Nehardea,

26 <http://bible.ort.org/>.

Sura e Pumbedita. Este ramo massoreta de origem babilônica esteve ativo entre os séculos VI e IX, aproximadamente. A denominação “sistema massoreta babilônico” refere-se ao local de surgimento dessa tradição massoreta, que foi utilizada também em manuscritos hebraicos na Pérsia, na Arábia e no Iêmen. Bibliotecas universitárias em Nova Iorque, Cambridge, Londres, Oxford, Paris, Berlim, Frankfurt e São Petersburgo contêm atualmente cerca de 120 manuscritos hebraicos de origem babilônica. A partir de 1890 foram encontrados muitos manuscritos massoretas babilônicos na guenizá (depósito de textos bíblicos falhos ou sem utilidade) da Sinagoga Ibn Ezra, do Cairo, e parte destes manuscritos datava do século VI ao século IX. Os massoretas babilônicos desenvolveram um sistema de vocalização, de acentuação e de anotações próprio.

Os massoretas ocidentais se encontravam nas regiões da Samária, Judéia, Galiléia Ocidental (Montanhas da Galiléia, conhecida pela tradição como Palestina) e em Tiberíades na Galiléia Oriental (Mar da Galiléia, conhecida pela tradição como Tiberíades). Este ramo esteve ativo entre os séculos VIII e IX, ao passo que o de Tiberíades esteve ativo durante os séculos IX e X. A tradição palestina é representada por poucos manuscritos. Já a quantidade de manuscritos massoretas de Tiberíades é abundante.

O Pentateuco Samaritano é até hoje escrito em letras proto-hebraicas. Os manuscritos em letras assírias hebraicas da tradição judaica foram pontuados pelos massoretas.

Os massoretas de Tiberíades tinham como objetivo marcar a pronúncia dos fonemas vocálicos, acentos e entonação do hebraico bíblico no texto massoreta. Os massoretas de Tiberíades foram influenciados pela cultura árabe, pelo siríaco e pelo hebraico antigo. A Messorá de Tiberíades, com o passar do tempo, tornou-se padrão para o texto da Bíblia Hebraica. Os massoretas tiberienses se dividiam entre as escolas de Ben Asher e Ben Naftali. O sistema da escola de Ben Asher foi adotado em todas as edições impressas da Bíblia Hebraica.

Os mais importantes manuscritos da Bíblia Hebraica existentes, o Códice de Aleppo e o Códice de Leningrado, estão ligados à tradição massoreta da escola de Ben Asher. O códice que representa a tradição de Ben Naftali é o Códice Reuchliniano, escrito por volta de 1105-1106 na Itália. O Sêfer HaHilufim de Misael ben Uziel, escrito aproximadamente em 1050, trata das diferenças entre as duas escolas de massoretas de Tiberíades.

A atividade massoreta foi dividida entre três pessoas: o sofer é o escriba que escreve o texto consonantal, o nakdan é o pontuador, que coloca os pontos vocálicos (sinais de vocalização e de acentuação) e o Baal HaMessorá que colocava as anotações massoretas. Posteriormente, uma única pessoa passou a ser responsável

27 Nos textos em hebraico-judaico (início da era comum) o sujeito antecede verbo, assim como no grego. Nos textos hebraicos bíblicos de um modo geral o verbo antecede o sujeito.

28 Versículo na versão bíblica hebraica da literatura rabínica.

pelas três etapas.

A edição dos textos da Tradição Oral do Povo de Israel: entre eles a Mishná, o Talmude de Jerusalém e as reflexões bíblicas hebraicas do Midrash contidas no Talmude Babilônico antecedem as escolas massoretas. Essa literatura pôde ser resgatada graças aos textos devidamente organizados e cópias compartilhadas por comunidades judaicas ao redor do mundo.

No século XII, textos do Talmude foram queimados em praça pública, em Paris na França. O Talmude Babilônico foi censurado e impresso pela primeira vez em Veneza, logo após a primeira impressão da versão Mikraot Guedolot da Bíblia Hebraica. Devemos lembrar que as impressões do Talmude e da Mikraot Guedolot editadas por Yaacov Ben Hayim em Veneza foram executadas por Daniel Bomberg sob supervisão do Vaticano.

Este artigo é uma pequena introdução a hermenêutica rabínica, que propõe incentivar pesquisas interdisciplinares para enriquecer, discutir e analisar a literatura rabínica e o judaísmo ortodoxo em futuras pesquisas acadêmicas brasileiras. As informações apresentadas neste artigo não têm como objetivo defender crenças, e, principalmente, não desejam sugerir hipóteses e teorias que necessitam fundamentação teológica e maior sustentação bibliográfica.

Tradições e fonética

Existem vários costumes de origem religiosa e geográfica na maneira de se ler os fonemas hebraicos bíblicos. Atualmente existem também inúmeras variações de pronúncia de imigrantes vindos de muitos países para Israel e que, aos poucos, intensamente, está transformando a maneira de falar dos israelenses.

O assíduo trabalho dos massoretas (grafar fonemas e entoações e indicar as consoantes que assumem sons de vogais nos textos bíblicos hebraicos) contribuiu para o desenvolvimento e redação do hebraico medieval e dos dialetos judaicos e, posteriormente, do hebraico moderno.

Os costumes judaicos, a vocalização e a pronúncia dos fonemas hebraicos bíblicos revelam a origem geográfica dos líderes ou da maioria dos membros de uma determinada comunidade judaica. Cada costume judaico é oriundo de uma determinada região ou país e pode ainda apresentar uma ou mais vertentes próximas e distintas de costumes e da pronúncia revelando a especificidade de suas províncias natais. Os costumes religiosos judaicos são designados pela sua região de origem: *asquenazita* (européia oriental), *sefaradita* (Península Ibérica), *misrahi* (oriental), *temani* (iemanita), *italki* (italiano), *farsi* (persa) etc.

Um famoso exemplo de diferenças entre as vocalizações das escrituras hebraicas

29 Mujeres en el Talmud. Buenos Aires. Editorial Moaj. 1992.

30 As diferentes edições de Mikraot Guedolot apresentam no título o nome do livro e dos comentaristas selecionados.

bíblicas ocorre na pronúncia das vogais. Aliás, a pontuação que representa as vogais hebraicas não é encontrada nas escrituras hebraicas bíblicas, ela surge em textos exegéticos paralelos que têm o objetivo de conservar a tradição fonética.

Por exemplo, a pontuação *kamats*, é quase sempre pronunciada como a vogal “a” no costume *sefaradita*, equivale à vogal “o” no costumes *asquenazita* e *iemenita* e é vocalizada como a vogal “u” na pronúncia judaica húngara. O hebraico moderno adotou a pronúncia do *kamats sefaradita*, que pode ter sido influenciada pela inexistência da vogal “o” no idioma árabe da cultura circundante. A palavra *kamats* em hebraico significa “contração”, simbolizando que a boca é contraída (fechada) para vocalizá-la, portanto sua pronúncia pode ser “ã”, “â”, “o” e “u”.

Outro exemplo menos conhecido é a pronúncia da pontuação *sheva*, que representa o som da vogal “e” de maneira curta e rápida. Esta pontuação, pronunciada pelos *sefaraditas*, não é sentida pelos *asquenazitas* e no hebraico moderno. Os *italkim* (plural de italiano) pronunciam a variação fraca da última letra do alfabeto hebraico com o som da letra “d”, os *asquenazitas* a pronunciam com o som da letra “s” (ou semelhante ao “th” em inglês) e os *sefaraditas* a pronunciam como a sua variante forte, com o som da letra “t”.

Essas pequenas diferenças de pronúncia são perceptíveis na leitura ritual dos textos bíblicos hebraicos. É importante a conscientização dessas nuances para que não haja confusões semânticas.

O programa BIBLE II apresenta a leitura das escrituras hebraicas bíblicas na melodia *asquenazita* e na *sefaradita*. Pode-se acessar, na internet, a melodia *asquenazita* com pronúncia hebraica moderna.²⁶

Literatura rabínica

Existem controvérsias arqueologicamente não fundamentadas de que houve tentativas de se compilar a «Tradição Oral do Povo de Israel» anteriormente ao século V antes da era comum, ou seja, há quem defende que estas tentativas poderiam ter ocorrido até mesmo anteriormente à compilação da Bíblia Hebraica pelo escriba Ezra (Esdras).

A literatura rabínica é o processo acumulativo de textos de estudos que chegaram aos judeus fariseus e continuaram nas gerações dos *tanaitas* (do aramaico - professores, repetidores da época citada) com a compilação das leis transmitidas, de um modo geral, oralmente, até passarem a ser organizadas nos *Seis Tomos da Mishná* no século II da era comum. Outros textos da época da *Mishná*, que foram acrescentados à compilação desta, são chamados *Tosefta*. A compilação das interpretações da lei encontra-se no *Midrash Halahá*. As interpretações homiléticas da exegese rabínica continuaram nos séculos posteriores, dando origem ao *Midrash Agadá*. *Midrash Rabá* significa *O Grande Midrash*. Ainda que escritos no dialeto judaico (hebraico judaico²⁷)

da região de Judá, semelhante ao hebraico, os tomos das *Seis Ordens da Mishná* receberam títulos em aramaico.

O Talmude de Jerusalém, e mais tarde, o Talmude Babilônico, o segundo conhecido como *Guemará*, foram compilados do século III ao V da era comum pelos *amoraitas* (do aramaico - comentadores) e finalizados pelos *savoraitas* (do aramaico - origem no verbo explicar) até a metade do século VII da era comum.

Os textos do Talmude de Jerusalém e do Talmude Babilônico explicam passagens bíblicas hebraicas e discutem eventos posteriores, contemporâneos a sua redação e edição, em conformidade com a tradição rabínica, farisaica conhecida como judaica; que é desacreditada entre os *karaitas*, *saduceus* e outras seitas, doutrinas e religiões que compartilham as mesmas raízes históricas hebraicas.

Uma curiosidade sobre a tradição e as traduções pode-se ser exemplificada em, por exemplo: Segundo o Rabino Dr. Aaron Eli Glatt o Talmude Babilônico no Tratado Meguilá página 9A-B e nas páginas 14A-B e 15A e também o Talmude de Jerusalém explicam que a Septuaginta de Ptolomeu, tradução dos manuscritos das escrituras bíblicas hebraicas para o grego, foi realizada por setenta e dois anciãos e, que, o valor 72. do número de tradutores, equivale ao valor das letras da palavra hebraica *hessed* (72=4+60+8 / חסד) que significa “bondade” em português. Os dois talmudes ressaltam que todos os tradutores trocaram a palavra “coelho” do versículo em *Vaikrá/Levítico* 11:6²⁸ sobre animais impuros (impróprios para consumo) igualmente para “animal de patas curtas”, para não ofender a mãe de Ptolomeu chamada *arnevet* (coelha/coelho). O Talmude de Jerusalém explica que existiu o Ptolomeu pai e o Ptolomeu filho, e, que, o nome da esposa desse primeiro Ptolomeu era “coelho” (Glatt, 1992 p.91).

Os textos da *Guemará* são as discussões dos *amoraitas* e *savoraitas* em aramaico babilônico no Talmude Babilônico sobre os textos da *Mishná* em hebraico judaico do século II da era comum. Os autores da *Guemará* fundamentam suas abordagens e pontos de vista em textos da Bíblia Hebraica e trazem interpretações que se encontram também no *Midrash*. A obra *Ein Yaacov* são as homílias encontradas na *Guemará* comentadas por Yaacov Ibn Habib no século XV.

As autoridades rabínicas que seguem são os *rishonim* (primeiros) do século XI ao XV da era comum. A partir do XV século da era comum surgiram os *ahronim* (últimos) estendendo-se até os dias de hoje. Um importante exemplo de exegeta rabínico entre os *rishonim* é o *Rashi*, acróstico do Rabino Shelomo Its’haki (1040-1105), que redigiu trabalhos que explicam praticamente palavra por palavra toda a Bíblia Hebraica e o Talmude. Os netos de Rashi, denominados como *Baalei Tosafot* continuaram os trabalhos de Rashi no Talmude.

Os líderes judeus ortodoxos enfatizam que os homens judeus devem estudar *Guemará*. Os textos da *Guemará* estão repletos de expressões sexistas chauvinistas²⁹, que comprovam que foram editados para um público judeu exclusivamente masculino. As homílias, discussões, origem dos textos na complexa diagramação de cada página do Talmude de Jerusalém e do Talmude Babilônico (*Guemará*) em diferentes edições

e traduções excedem a proposta original deste artigo, o qual se limita a ser uma breve introdução sobre exegese rabínica.

A literatura rabínica foi altamente prolifera durante a Idade Média. Das Cruzadas a Inquisição os discípulos da doutrina judaica produziram inúmeras obras exegéticas, filosóficas e jurídicas. Nos Autos-da-Fé da Inquisição foram queimadas, em praça pública, pessoas e muitas obras literárias de diversas origens (não avaliadas) pelos agentes oficiais do Santo Ofício. Portanto, cabe ao estudioso da Bíblia resgatar todo o patrimônio cultural que pertence a toda a humanidade, nele a literatura rabínica, não exterminada pelo fogo de um domínio clerical passageiro.

Outros importantes exegetas rabínicos são Ibn Ezra (1089-1167), Ramban - acróstico de Rabênu, em português nosso mestre, Nachmanides (1194-1270), Seforno (1475-1550), Or HaHaim - Haim Ibn Attar (1696-1743), etc.³⁰

Exegese rabínica do texto bíblico hebraico

As obras do *Midrash* compiladas pelos *tanaitas* não são de um só autor. Acredita-se que sejam obras acumuladas de gerações e gerações de autores que contribuíram de forma anônima ao longo de 900 anos para a preservação destes conhecimentos.

O verbo hebraico *lidrosh* significa “exigência, necessidade, busca”. O *Midrash* é um compendio de estudos que intimam análises textuais que estabelecem interpretações e significados. O termo *Midrash* é usado para se referir a um estudo que pode incluir múltiplas interpretações.

A Tradição Escrita do Povo de Israel tornou-se pública. Contudo, a exegese rabínica determina a proibição de ensinar para não judeus a Tradição Oral das leis e interpretações do texto bíblico hebraico que fundamentam a doutrina rabínica.

Esta proibição se explica porque muitos judeus, incluindo aqueles que cumprem as leis e costumes rabínicos, não conseguem atingir o nível desejado para entender os segredos cósmicos desvendados pela Tradição Oral. Portanto, seus conteúdos não devem ser ensinados para aqueles que não vivem segundo os mandamentos rabínicos, pois estes de fato não têm tampouco as mínimas condições de entendê-la e podem ainda fazer uso negativo desta.

A Literatura Rabínica é um extenso complexo de compêndios literários composto por estudos exegéticos, tratados de legislação e estudos místicos que foram transmitidos de geração em geração através de autoridades e exegetas rabínicos. As tradições inicialmente orais do Povo de Israel foram compiladas em textos que foram finalmente organizados e editados no século II da era comum.

Após a edição da *Mishná* no século II da era comum, as tradições orais e estudos em concordância com a hermenêutica rabínica e com a doutrina regida pelas autoridades rabínicas continuavam a ser compilados e transmitidos até que finalmente

fossem editados e reconhecidos como parte da literatura rabínica. O acervo exegético rabínico realça elementos do texto bíblico imperceptíveis nas traduções da Bíblia Hebraica, explicando-os a partir do contexto original das narrativas literárias bíblicas hebraicas e pela perspectiva da cultura judaica como um todo.

A exegese rabínica tem vários tipos de análises textuais. Por exemplo, o estudo semiótico, semântico e simbólico das letras, a análise da raiz das palavras hebraicas, a investigação da estrutura da linguagem e do texto, a análise dos significados adquiridos destes e da ligação entre suas palavras e contextos, etc. A análise textual bíblica hebraica rabínica é dividida em quatro níveis de interpretações representadas pelo acróstico *PaRDeS*. A palavra *pardes* significa “pomar”, que neste caso representa o “pomar celestial”. O estudioso que colhe os frutos do pomar celestial é aquele que tem a capacidade de entender os quatro níveis de interpretação representados pelo acróstico *PaRDeS*. Contudo, o último nível de interpretação, o *Sod*, que significa “segredo” é explicado pela mística judaica (*Cabalá*) que só consegue ser entendido por eruditos com mais de 40 anos que vivem de acordo com os preceitos da lei judaica.

Portanto, é interessante, por exemplo, tomar a escada como um conceito bíblico a ser analisado, entender o objetivo de cada um dos quatro níveis de interpretação de *PaRDeS* e ilustrá-los com a abordagem característica de cada um deles sobre o conceito bíblico escolhido.

Peshat é a elucidação que procura apresentar o significado literal do texto bíblico hebraico. Rashi, Rabi Shelomo Its’haki, que é o exegeta rabínico que tem como objetivo explicar todo o texto bíblico hebraico desta forma cita o *Midrash Rabá* 68 para explicar o que a escada literalmente representa no texto bíblico hebraico, seus significados e, assim, o que ela simboliza no judaísmo.

Remes significa “dica”, alusão que sugere que existem mais significados do que o significado literal do texto, indicando haver algo a mais que pode ser entendido, além do que o que está escrito. Todos os elementos da narrativa podem ser entendidos como alusões, que necessitam ser identificadas; os seus significados devem ser entendidos. Elas podem ser interpretadas, explicadas produzindo, inclusive, muitas especulações do que podem representar.

Derash é descrito como uma pesquisa profunda do texto bíblico hebraico. Os *midrashim* (plural de *midrash*) são conhecidos como análises e estudos mais profundos do texto e são entendidos como a “história da história” do enredo bíblico, ou seja, os *midrashim* têm o objetivo de revelar os significados implícitos dos textos bíblicos hebraicos. O *Midrash Rabá* é uma das coletâneas desses estudos.

Sod significa “segredo” e *lesod* significa “fundamento” ou “base”. Este método tem como objetivo revelar as noções espirituais e místicas escondidas no texto bíblico hebraico. Estes estudos são reunidos sob temáticas místicas e cabalísticas que reúnem interpretações das escrituras hebraicas bíblicas em uma extensa variedade de coletâneas incluindo o *Zohar*, o *Bahir* e estudos de exegetas como o Rabino Isaac Luria, Haim Vital e outros.

Enquanto que o *Midrash* trata do assunto desenvolvido na narrativa do texto bíblico hebraico, o *Sod* revela conteúdos que podem não estar relacionados à porção estudada. Este nível de interpretação geralmente necessita de um nível grande de conhecimento das dimensões místicas do pensamento judaico. O conteúdo de estudos deste nível de conhecimentos encontra-se nos estudos cabalísticos e nos textos hassídicos (misticismo judaico asquenazita desenvolvido a partir do século XVIII).

Geralmente, quanto mais profunda a análise, maior nível de conhecimento de outros textos judaicos será requisitado para justificar uma determinada análise mística do texto bíblico hebraico. Portanto, os exegetas que interpretam esses textos, desta forma, não são aceitos se eles demonstram somente expor a própria opinião, e suas idéias somente são aceitas se seus autores conseguem fundamentá-las com provas literárias de textos da bíblia hebraica ou da tradição oral judaica (usadas para analisar o texto em questão).

Existem longos textos, repletos de referências bíblicas hebraicas, que atribuem, por exemplo, infinitos significados ao tetragrama hebraico do nome hebraico do criador, que também pode simbolizar a permanente interação (código de comunicação) entre o espiritual, o material entrelaçando-se ao sobrenatural refletido no universo.

Reflexão final

Berman comenta que a história da tradução implica em:

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente a rede cultural infinitamente complexa e desorientada na qual, em cada época ou em cada espaço diferente, ela se encontra presa. E fazer do histórico assim obtido uma abertura para o nosso *presente*. (Berman, 1984 p.14).

A canonização do texto bíblico hebraico e o uso do original, geração após geração, preservam a identidade do texto utilizado na exegese rabínica; mesmo que as traduções sejam, em grande parte, responsáveis para que este texto perdure como fonte de inspiração através dos tempos.

O empolgante nos estudos literários não é analisar somente a qualidade de cada tradução, uma vez que cada uma reflete a riqueza de conhecimentos de seus tradutores, a metodologia utilizada e a hermenêutica da doutrina através qual foi elaborada. O intuito é tornar o estudo interdisciplinar uma ferramenta útil para analisar as diversas maneiras como um mesmo texto é interpretado, traduzido e divulgado. E como seus significados se transformam e assumem novos valores e são incorporados nas diferentes conversões de um mesmo texto de um idioma para outro, e/ou para as diversas versões de suas traduções que inspiram e justificam os comportamentos e práticas de seus fiéis.

O objetivo é que, através deste tipo de estudo, seja possível entender cientificamente um pouco mais sobre a transposição de textos entre as diferentes culturas, idiomas e sociedades da civilização contemporânea; na qual as diversidades

culturais ou textuais em cada tradução são identificadas como realidades temporais e locais, ou como fragmentos do mutante universo em que nos encontramos.

Entender um pouco dos motivos e maneiras como as traduções de um texto incorporam interpretações conflitantes constitui um assunto extremamente instigante. Isto, justamente por este tema fazer emergir estudos e análises sobre os mais variados elementos do desenvolvimento de tradições, de suas identidades literárias e comunidades e de suas crenças, realizações culturais, organizações e interação social.

REFERENCIAS

- BERGER, Michael S. *Rabbinic Authority*. New York - Oxford: Oxford University Press. 1998. (ENG)
- BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger – Culture et traductions dans Allemagne romantique*. Paris: Ed. Gallimard, 1984. (FR)
- COHEN, Sarah B. Ed. *The Slayers of Moses – The Emergence of Rabbinic Interpretation in Modern Literary Theory* by Handelman Susan A. in: *SUNY Series on Modern Jewish Literature and Culture*. State of University of New York Press. p. 27 – 50. (ENG)
- EDITORA MAAYANOT (org.). *Sêfer Bereshit: O Livro de Gênese - Comentários I. Weitman, Rabino Levi. II, Série*. São Paulo: Editora Maayanot. 2015. (HEB-PORT)
- EDITORA MAAYANOT (org.). *Torá - Rashi: Sefer Bereshit: Gênese: com comentários de Rashi traduzido comentado e elucidado por Yaacov Nurkin com Haftarot traduzidas e Targun Onkelus*. Coleção Torá Rashi. volume 1. São Paulo: Editora Maayanot. 2015. (HEB-PORT)
- GLATT, Aaron. *Mujeres en el Talmud*. Buenos Aires: Editorial Moaj. 1992. (ESP)
- KAPLAN, Arye. *Meditation and Kabbalah*. Boston, MA/York Beach, ME: Weiser Books, 1982. (ENG)
- KAPLAN, Arye (org.). *Sefer ha-Yetzirah*. Versão GRA. Tradução para o inglês de Arye Kaplan. (ENG) Disponível para download: http://www.hermetics.org/pdf/Sefer_Yetzirah_Kaplan
- KRISHEWSKY, Avroham (org.). *Mikraot Gedolot – HaMeorot HaGedolim*. Jerusalem: Mifal Torah Mefoyreshes Institute, 1992. (HEB)
- MAIMONIDES, Moshe. (Moshe Ben Maimon; Rambam) *Mishne Torá*. Jerusalem: Mossad HaRav Kook Ed. 1985. (HEB)
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA (org.). *A interpretação da Bíblia na Igreja*. SP: Editora Paulinas. 1994.
- SILVA, Cássio Murilo Dias. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Editora Paulinas. 3a edição. 2009.
- MEKOR HASEFARIM (org.). *Nevyim UKetuvim Mikraot Gedolot - PaerVeHadar - Im Pirush HaMalbi'm*. Jerusalem: Mekor HaSefarim. 1988. (HEB)
- MESORAH PUBLICATIONS (org.). *Talmude Babilônico*. Jerusalem: Editora Mesorah Publications Ltd. 2002. (HEB)
- VAGSHAL, K. (org.). *Midrash Rabbah – Im Kol HaMefarshim – Mehdurat Vilna VeMehdurat Etz Iossef*. Jerusalem: Mehdurat Zkhr Hnokh, Vagshal Publishing Ltd. 1986. (HEB)

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.